LINGUAGEM E INCONSCIENTE: A CENTRALIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA

Ana Julia Angelo da Silva
Acadêmica do Curso de Psicologia do UNIVAG
aangeloanajulia28@gmail.com

Livian Andreani Toledo
Acadêmica do curso de Psicologia do UNIVAG
livian.psico@gmail.com

Mariana Farias Santana de Siqueira
Acadêmica do curso de Psicologia do UNIVAG
fariassiqueira05@gmail.com

Luiz Guilherme Araújo Gomes
Professor e Supervisor de Estágio do Curso de Psicologia do UNIVAG
luiz.gomes@univag.edu.br

O presente trabalho é fruto das experiências vivenciadas no estágio supervisionado em Psicologia Clínica, realizado na Clínica-Escola de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). A escolha pela orientação lacaniana justifica-se pela necessidade de uma escuta que vá além da adaptação do ego, buscando a verdade do sujeito inscrita em sua fala e os efeitos da ordem simbólica em seu sofrimento psíquico. O foco da atuação reside na escuta analítica, onde a fala do paciente é reconhecida como o único meio de tratamento e constituição subjetiva.

No contexto da clínica-escola, observou-se que o sofrimento psíquico se manifesta por meio de impasses na linguagem. Isso exige do estagiário uma posição que privilegie o campo simbólico em detrimento de explicações puramente biológicas ou imaginárias. Os objetivos deste trabalho consistem em refletir teoricamente sobre a centralidade da linguagem e do inconsciente, utilizando o referencial de Jacques Lacan para analisar a função da fala e do significante no manejo de casos atendidos.

A fundamentação deste estudo sustenta-se no "retorno a Freud" proposto por Lacan, especificamente a partir do texto "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" (1953). Segundo Lacan (1998), o inconsciente não deve ser compreendido como um reservatório instintual, mas como uma estrutura organizada de forma semelhante à

ISBN: 978-85-88900-14-1

linguagem. Esta perspectiva permite transpor os fenômenos psíquicos para o campo da história e do símbolo, onde o sujeito é capturado por uma ordem que o precede.

Inspirado pela linguística estrutural, Lacan propõe uma subversão no algoritmo da significação, representado pela fórmula Significante sobre significado (S/s). De acordo com Vicenzi (2009), enquanto a linguística foca na língua como sistema social, a psicanálise privilegia a fala em sua realização singular, pois é nela que o desejo inconsciente aflora. Lacan introduz a "barra" para representar a resistência e a censura inerentes ao sujeito, indicando que o sentido decorre de um deslizamento na cadeia significante até atingir o "ponto de basta".

Nessa perspectiva, a intervenção clínica pode ser compreendida como uma série de inversões dialéticas, tal como proposto por Lacan (1998) em sua releitura do caso Dora. O analista atua para que o sujeito reconheça sua própria participação na desordem do mundo da qual se queixa, deslocando-o de uma posição de vítima passiva para o reconhecimento de sua implicação subjetiva na sustentação do sintoma. Essa manobra visa levar o sujeito de uma "fala vazia", perdida em descrições alienadas sobre seu ego, para uma "fala plena", que possibilite a integração de sua história.

Os procedimentos técnico-metodológicos baseiam-se em um estudo de caso reflexivo, fundamentado na prática realizada na Clínica-Escola do UNIVAG. Os atendimentos ocorreram de forma presencial e individual, com frequência semanal e supervisão contínua. O método consistiu na observação e registro das sessões, focando na identificação de significantes mestres e formações do inconsciente (lapsos, silêncios e repetições) manifestadas no discurso. O sigilo e a identidade dos pacientes foram preservados.

Durante o estágio, a prevalência do simbólico manifestou-se na análise de termos que funcionavam como significantes organizadores do sofrimento. Em um caso, a palavra "fracasso" surgiu como uma repetição persistente, demonstrando que o sujeito estruturava sua posição subjetiva através deste termo. Em outro atendimento, o termo "recomeço" revelou-se uma compulsão à repetição: a paciente mantinha-se em um eterno início para evitar a responsabilização frente ao seu desejo. Da mesma forma, o significante "diferente" velava uma estrutura de relacionamento idêntica às anteriores, evidenciando o mesmo padrão de sofrimento sob a máscara da inovação.

ISBN: 978-85-88900-14-1

Conclui-se que a experiência de estágio reafirma a centralidade da linguagem na clínica. A técnica da pontuação e o manejo da fala são fundamentais para que o paciente assuma a autoria de sua história. Para a formação do estagiário, essa prática sublinha que a clínica se sustenta na escuta do particular, operando como um espaço de subversão subjetiva. O objetivo final não é a adaptação social, mas o advento de uma fala verdadeira que permita ao sujeito reconhecer sua verdade e seu desejo, consolidando a importância prática deste estudo para a futura atuação profissional.

Palavras-chave: Psicanálise; Linguagem; Jacques Lacan; Clínica-Escola; Inconsciente.

ISBN: 978-85-88900-14-1

REFERÊNCIAS:

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 237-324.

LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência (1951). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 214-228.

VICENZI, Eduardo. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 27-40, jun. 2009.

ISBN: 978-85-88900-14-1